

**RELIGIÃO NO CYBERSPACE: CULTURA DO IMATERIAL E ESTÉTICA  
CLASSICISTA NO PORTAL DOS ARAUTOS DO EVANGELHO**

**Flávia Gabriela da Costa Rosa Amaral<sup>1</sup>**

**Resumo**

A presente pesquisa pretende investigar as relações comunicacionais presentes entre cibercultura e religião frente às novas tecnologias digitais de comunicação. Para tanto, elegemos uma vertente católica denominada Arautos do Evangelho e sua presença no cyberspace. Nosso objetivo foi analisar a transformação da linguagem dos Arautos do Evangelho e os recursos utilizados pelo grupo para se relacionar com seu público no cyberspace e se existe a tentativa de criação de um ambiente para um sujeito não corpóreo. Nossas hipóteses consideraram que esse movimento religioso procura estimular a cultura do imaterial por meio do uso de elementos da estética classicista no cyberspace.

**Palavras-chave:** Imaginário Midiático. Cibercultura. Tecnologias de Comunicação. Ciber-Religião. Arautos do Evangelho.

A Igreja Católica se apresenta como vertente do cristianismo com grande número de adeptos, mas reconhece que o islamismo já supera o número de seguidores da “Igreja de Pedro”, como se referencia. Define-se como “Una, Santa, Católica, Apostólica”. No entanto, observam-se características diferentes em grupos nas quais ela se subdivide. Um desses grupos se define como Associação de Direito Pontifício são os Arautos do Evangelho.

Com o objetivo de utilizar a internet para expressar e reverberar seus valores, esses grupos aumentam gradativamente sua presença no ciberespaço, o que demonstra o desejo de se apropriar de um instrumento simbólico - a internet.

Especificamente sobre os Arautos do Evangelho, não se menciona em suas publicações oficiais, inclusive na página oficial na internet, em que tipo de universo simbólico cristaliza-se a sua principal ideologia. Desperta curiosidade o discurso que se dirige aos seguidores no ciberespaço. O ‘lócus’, considerado então democrático e espaço livre, é usado, com frequência, para um público específico, que decifre os códigos e os discursos. Sobre a o estímulo à cultura

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista. E-mail: jornalista.gabriela@gmail.com.

do imaterial, faz-se necessário analisar de que forma o conceito é reforçado pelo grupo em seu canal na internet, e como os elementos da estética classicista se apresentam nesse meio de comunicação.

### **Os Arautos do Evangelho e seu lugar nas Associações e Movimentos Católicos**

O Concílio Vaticano II, que aconteceu de 1962 a 1965, em Roma, provocou na Igreja Católica grandes reflexões e nela estabeleceu novas posturas. Embora, quase 50 anos depois, diversos líderes religiosos e outras associações e movimentos da Igreja Católica ainda resistam às definições surgidas no Concílio, assembleia histórica para a Igreja, não se pode negar que uma das grandes novidades foi a visão gregária que a Igreja assumia, a partir daquele momento, que se refere ao lugar dos movimentos e associações na instituição.

Frei Betto, renomado teólogo da Igreja Católica, em declaração ao site [www.revistadehistoria.com.br](http://www.revistadehistoria.com.br), menciona os modelos pastorais que ganharam espaço da hierarquia da Igreja, como as Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação. Ana Maria Tepedino, teóloga da PUC-RJ, comunga das ideias de frei Betto e destaca a mudança de postura da instituição em relação aos leigos, agora “convidados a uma participação maior e mais efetiva na Igreja”.

Sobre os movimentos, o site oficial do Vaticano dispõe de uma seção sobre o *DECRETO APOSTOLICAM ACTUOSITATEM* em latim, ou Decreto sobre o Apostolado dos Leigos, que explana a “importância e atualidade do apostolado dos leigos na vida da Igreja”. A página cita em seu primeiro parágrafo:

1. O sagrado Concílio, desejando tornar mais intensa a atividade apostólica do Povo de Deus (1), volta-se com muito empenho para os cristãos leigos, cujas funções próprias e indispensáveis na missão da Igreja já em outros lugares recordou (2). Com efeito, o apostolado dos leigos, que deriva da própria vocação cristã, jamais poderá faltar na Igreja. A mesma Sagrada Escritura demonstra abundantemente como foi espontânea e frutuosa essa atividade no começo da Igreja (cfr. Act. 11, 19-21; 18, 26; Rom. 16, 1-16; Fil. 4, 3). Os nossos tempos, porém, não exigem um menor zelo dos leigos; mais ainda, as condições atuais exigem deles absolutamente um apostolado cada vez mais intenso e mais universal.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> *DECRETO APOSTOLICAM ACTUOSITATEM.* Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651118\\_apostolica\\_m-actuositatem\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolica_m-actuositatem_po.html). Acesso em 07/05/2013.

Como explica o documento, a Igreja Católica viu nas associações e movimentos a oportunidade de se aproximar das comunidades, levando em consideração que a crise na formação de novos padres para esse exercício já é há algum tempo realidade enfrentada pela instituição.

Ao que se refere aos Arautos do Evangelho, em livro comemorativo publicado em julho de 2001, o grupo comemora o título de Associação Internacional de Fiéis de Direito Pontifício, “que ocorreu por ocasião da festa litúrgica da Cátedra de São Pedro, (22 de fevereiro) em 2001”.

A aprovação lhes conferia a partir daquele momento um mandato especial, que implicava à comunidade uma relação própria com a Cátedra de São Pedro, ou seja, com o Papa, líder máximo da Igreja Católica, possibilitando que não mais estivesse como ponto de referência um bispo.

A medida fez a vertente, agora mais próxima do Papa, ganhar respeito da comunidade católica e expandir os trabalhos. Sua organização demonstra complexidade quando o assunto é defini-los. De acordo com seu site oficial, o [www.arautosdo.org.br](http://www.arautosdo.org.br), “a Associação dos Arautos é composta predominantemente por jovens entre 15 e 25 anos, e está presente em 78 países”. Está subdivida em membros que abraçam a vida religiosa, e membros leigos, que estão engajados em outras atividades do movimento. Segundo o canal oficial dos Arautos na internet, dos abraçam a vida religiosa está a masculina Sociedade Clerical Virgo Flos Carmeli, constituída por membros dos Arautos do Evangelho que se ordenaram sacerdotes, e na feminina Regina Virginum, ramificação feminina dos Arautos. Ambas receberam aprovação pontifícia em 4 de abril de 2009. Há também os leigos que não professam votos, mas praticam o celibato, vivendo em casas destinadas especificamente para rapazes ou para moças, e os Cooperadores. Desta categoria fazem parte aqueles que tenham constituído família, ou ainda, exerçam profissão que não permita tempo livre para se envolver com as atividades do grupo, e dispõem-se a participar dos encontros periódicos dos Arautos.

É citado no portal que, em seus estatutos (material não disponível no canal), está delineada a vocação dos Arautos do Evangelho:

Esta Associação nasceu com a finalidade de ser instrumento de santidade na Igreja, ajudando seus membros a responderem generosamente ao chamamento à plenitude

da vida cristã e à perfeição da caridade, favorecendo e alentando a mais íntima unidade entre a vida prática e a fé<sup>3</sup>.

As palavras “plenitude” e “perfeição” são claros sinais de um discurso de autoengrandecimento de um grupo que se pretende eleito, escolhido, ou seja, exemplo para os demais, bem peculiar à estética classicista.

Esse comportamento se daria em decorrência do fechamento nele mesmo, e assim os membros enxergam-se como parte integrante de uma “comunidade”. O fechamento, o qual Zygmunt Bauman (2001: 16) denomina como círculo aconchegante, prevê uma organização viva e fechada (sem acesso), na qual seus membros se sentem seguros, capazes de defendê-la contra possíveis “invasores” ou demais fatores que abalariam sua estabilidade.

As lealdades humanas, oferecidas e normalmente esperadas dentro do ‘círculo aconchegante’, não derivam de ‘uma lógica social externa ou de qualquer análise econômica de custo-benefício’. Isso é precisamente o que torna esse ‘círculo aconchegante’: não há espaço para o cálculo frio que qualquer sociedade em volta poderia apresentar, de modo impessoal e sem humor, como ‘impondo-se’ à razão. E essa é a razão porque as pessoas afetadas por essa frialdade sonham com esse círculo mágico e gostariam de adaptar aquele mundo frio ao seu tamanho e medida. Dentro do ‘círculo aconchegante’ elas não precisam provar nada e podem, o que quer que tenham feito, esperar simpatia e ajuda<sup>4</sup>. (BAUMAN. Z. 2001, p. 16).<sup>4</sup>

Nesse trecho, Bauman menciona como o diálogo estabelecido entre o grupo pode diferir daquele entre as demais pessoas, conferindo a ele uma característica própria, em virtude de estar fechado em si mesmo, impossibilitando o olhar sob pontos de vista diferentes.

Sobre sua origem, as informações oficiais da Associação não são elucidativas. O mesmo livro (2001; 56) menciona que a origem dos Arautos “teve a Providência seus desígnios misteriosos”, referindo-se aos “insondáveis desígnios de Deus”.

A linguagem textual dos Arautos do Evangelho nos falam tanto quanto o texto que constroem em seu canal. Neste sentido, destacamos também a linguagem utilizada para a internet: a figura do fundador, monsenhor João Scognamiglio Clá Dias. Clá possui uma área criada especificamente para suas mensagens, no endereço [www.joaocladias.org.br](http://www.joaocladias.org.br), que detalha das origens do fundador à trajetória da sua vida pública e, segundo informações dessa área, é

<sup>3</sup> Disponível em: <[www.arautosdoevangelho.com.br](http://www.arautosdoevangelho.com.br)>. Acesso em maio de 2011.

<sup>4</sup> No livro “Comunidades: a busca por segurança no mundo atual”, Zygmunt Bauman menciona que quanto mais fechadas as comunidades, mais segurança elas sentem e mais homogêneas são, não permitindo a interferência externa, logo, questionamentos sobre condutas e discursos. Pag. 16.

brasileiro, nascido em São Paulo, a 15 de agosto de 1939. O canal enfatiza a data comemorativa da Igreja Católica por ocasião de seu nascimento: a 15 de agosto se celebra a solenidade da Assunção de Nossa Senhora. Afirma ainda que seus pais, António Clá Dias e Annitta Scognamiglio Clá Dias, “constituíam uma família de imigrantes europeus (o pai era espanhol e a mãe italiana), na qual a fé católica, herdada de seus maiores, era ainda muito viva”.

Com fotos do fundador em quase todas as páginas, o site menciona o grau acadêmico de João em vários momentos, inclusive na página oficial dos Para haver identificação, as facções da Igreja Católica imprimem um sinal em seu chamado ‘trabalho de evangelização’, o qual denominam “carisma” que, de acordo com informações de seu site oficial, “os leva a procurar agir com perfeição em busca da pulcritude em todos os atos da vida diária, mesmo estando na intimidade, que está expresso no sublime mandamento de Jesus Cristo: ‘Sede perfeitos como vosso Pai Celeste é perfeito’ (Mt 5, 48)”. No que se refere à espiritualidade, de acordo com o seu estatuto, procuram viver a religiosidade tendo como referência três pontos: Eucaristia, Maria e o Papa. Esses conceitos estão estampados no brasão<sup>5</sup> que ostentam, no portal e nas roupas.



### **Os Arautos do Evangelho e TFP**

A Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade – TFP<sup>6</sup> define-se como entidade cívica legalmente registrada em São Paulo em 1960. Fundada por um grupo de católicos leigos tradicionalistas, encabeçados por Plínio Corrêa de Oliveira e com atuação política destacada nas décadas seguintes ao seu surgimento, a TFP, mesmo com a morte de seu criador, em 1995, ainda possui sócios que mantêm sua organização original. Formam, em cada Estado, uma seção, tendo à frente um diretório seccional, que se divide em subseções, coordenadas por dois órgãos de jurisdição em todo o país: o Conselho Nacional, com o encargo das atividades sociais em seus aspectos culturais e cívicos, e a Diretoria Administrativa e Financeira Nacional, cujo campo de ação é definido pelo próprio título.

Sua matriz de interpretação do mundo deriva do catolicismo integrista, doutrina contrarrevolucionária que preconiza uma reedificação da ordem social cristã como a

<sup>5</sup> Sobre o brasão ver <http://www.arautos.org.br/imprimir/19510.html> Acesso em 22/05/2011.

<sup>6</sup> Quem é a TFP. Disponível em <http://www.tfp.org.br/tradicao-familia-e-propriedade/luz-agua-ou-lenha>. Acesso em 05/06/2011.

única solução aceitável para a solução dos problemas engendrados desde o fim da época medieval pela chamada modernidade (ZANOTTO, G. 2006; p. 8).

Matéria publicada pela revista *Veja*<sup>7</sup> menciona que as grandes brigas que racharam a TFP se deram após a morte de Plínio, como mencionado, em decorrência da disputa por donativos entre a TFP e os Arautos do Evangelho. Outra matéria, esta publicada pela Folha de S.Paulo, e reproduzida no site [www.fundadores.org.br](http://www.fundadores.org.br), datada de 13 de dezembro de 2008, afirma:

Eles perderam o controle da entidade em 2004, numa disputa judicial que havia começado em 1997. Um grupo dissidente, liderado pelo hoje monsenhor João Scognamiglio Clá Dias, exigiu na Justiça o direito de que as decisões da organização não fossem tomadas apenas pelo pequeno grupo de, então, oito sócios-fundadores remanescentes. Os dissidentes perderam em primeira instância, mas ganharam a causa e o controle da TFP em decisão do Tribunal de Justiça de São Paulo em 2004. Desde então o processo aguarda julgamento final no STJ (Superior Tribunal de Justiça). Entre 2004 e 2006, os sócios-fundadores e seus seguidores se separaram da “nova” TFP e passaram a se denominar “Associação dos Fundadores da TFP”. Há dois anos, nova decisão proibiu o uso da sigla pelos fundadores. Eles então passaram a se denominar apenas “Associação dos Fundadores”. Clá Dias e seus seguidores, também fundadores da associação ligada à Igreja Católica Arautos do Evangelho, são acusados pelos fundadores de terem tomado o controle da entidade que teve seu auge no regime militar (1964-1985) para abandonar a principal característica da TFP: a militância política em defesa intransigente do direito de propriedade e combate a movimentos sociais que ameacem esse princípio. (FOLHA DE S.PAULO; 13 de dezembro de 2008)

A matéria afirma, na ocasião em que se celebrava o centenário de Plínio (2008), que fundadores do grupo perderam o direito de usar a sigla da TFP e que disputas judiciais após a morte de Plínio deram poder ao grupo dos Arautos do Evangelho, que teria deixado de fazer militância política. Com esse DNA vemos florescer uma vertente da Igreja Católica que hoje possui forte atuação “on line”.

### **Cavaleiros Templários**

Em busca dos referenciais simbólicos que norteiam os Arautos do Evangelho, deparamo-nos com as constantes semelhanças com os Cavaleiros Templários.

Na história, tudo o que provoca pouca informação é passível de devaneios, oriundos da

---

<sup>7</sup> Matéria “A TFP do B”, publicada pela revista *Veja* em 28/04/2004. Disponível em [http://veja.abril.com.br/280404/p\\_094.html](http://veja.abril.com.br/280404/p_094.html). Acesso em 24/06/2011.

capacidade imaginativa do ser humano. Encontrar informações que sejam fiéis aos Cavaleiros Templários não foi tarefa fácil, dado o número de especulações sobre sua verdadeira história.

Quisemos investigar as semelhanças dos Arautos do Evangelho com os Cavaleiros Templários, a fim de validar nossas citações sobre as sobreposições temporais.

Em artigo apresentado no Congresso Internacional de História (setembro de 2011), Augusto Moretti Junior e Jaime Estêvão dos Reis<sup>8</sup> citam que em 1120 “alguns cavaleiros cruzados que participaram da tomada de Jerusalém, receberam a missão de proteger os peregrinos que viajavam à Terra Santa contra os ataques dos muçulmanos”. Os pesquisadores explicam a estruturação do poder na Ordem Militar dos Cavaleiros Templários. O grupo buscou, como afirmam, a proteção dos peregrinos e o reconhecimento da Igreja Católica para oficialmente terem uma identidade.

Ao completarem nove anos de estadia em Jerusalém, Hugo de Payns, representando aquele pequeno grupo de cavaleiros, compareceu diante do Concílio de Troyes, com a intenção de obter o reconhecimento da Ordem pela Igreja Católica, acabar com a crise de identidade que os irmãos passavam e conseguir uma Regra que pudesse normatizar seu funcionamento” (MORETTI, A. e ESTEVAO, Jaime Apud Demurger. 2011).<sup>9</sup>

A partir daí encontramos as primeiras semelhanças entre os Arautos do Evangelho e os Cavaleiros Templários.

A edição da revista “Sociedades secretas”<sup>10</sup> menciona que “uma das principais características da Ordem era sua autonomia em relação à hierarquia da Igreja. Seus membros estavam sujeitos apenas ao papa” (2011; p. 56).

Os Arautos do Evangelho se preocupam em se respaldar em um estatuto que os ampara nas regras e orientações de vida do membro. Por esse estatuto o grupo conseguiu a Aprovação

---

<sup>8</sup> Artigo intitulado “A estruturação do poder na Ordem Militar dos Cavaleiros Templários”, apresentado no Congresso Internacional de História, setembro de 2011, disponível em <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/68.pdf>. Acesso em 20/12/2012.

<sup>9</sup> Augusto Moretti Junior e Jaime Estêvão dos Reis citam os estudos de Alain Demurger sobre a estruturação do poder na Ordem dos Templários. Moretti e Estêvão mencionam que em 26 de novembro de 1095 “um dia antes da proclamação da primeira Cruzada”, houve uma discussão sobre as mudanças de propostas de direcionamento da Igreja Católica, que ficou conhecida como Reforma Gregoriana. Apoiados nos estudos de Demurger, os historiadores mencionam que “a reforma visava, prioritariamente, libertar a Igreja do domínio dos laicos”. O artigo pode ser lido na íntegra no link: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/68.pdf>

<sup>10</sup> A revista “Sociedades secretas” utilizada como fonte nesta pesquisa é a edição de número 1 e foi publicada pela Editora Escala no ano de 2001.

de Direito Pontifício, que lhe dá, assim como aos Templários, o direito de responder diretamente ao papa, o que é na realidade o que os caracteriza no cenário das vertentes católicas do Brasil.

### **Guardiães do Santo Graal?**

Sobre as especulações acerca do segredo que a Ordem protegia, mais se destaca a de que os Templários seriam guardiões do Santo Graal. O mistério acontece pelo que realmente seria o Santo Graal e quais indícios fizeram com que essa questão permanecesse latente no imaginário humano. O Graal, segundo a revista *Sociedades Secretas*, seria uma taça.

Diz a lenda que foi a taça na qual Jesus bebeu na última ceia; outra lenda diz que foi a taça em que José de Arimateia colheu o sangue que saiu das feridas de Jesus na cruz. Uma terceira versão da mesma lenda diz que Maria Madalena teria coletado o sangue de Jesus nessa taça. (SOCIEDADES SECRETAS, Escala, 2011; p. 96).

Jean Chevalier, no “Diccionario de los Símbolos” (1986, p. 536), cita várias definições para o Graal. Menciona Julius Evola (Julius Evola, em BOUM, 53), quando define “el grial... es propriamente un objeto sobrenatural, cuyas principales virtudes son: que alimenta (don de vida); ilumina (espiritualmente); hace invencible. Segundo o autor, entre as várias explicações, a menos delirante é a de Albert Béguin, que define o Graal como sangue de Jesus Cristo; o do cálice, que segundo a doutrina católica foi oferecido aos discípulos na última ceia, no ritual em que é lembrado em todas as missas, e aquele sangue que impregnou os tecidos do sepulcro:

El grial representa a la vez, y substancialmente, a Cristo muerto por los hombres, el cáliz de la santa cena (es decir la gracia divina concedida por Cristo a sus discípulos), y en fin el cáliz de la misa, que contiene la sangre real del Salvador. La mesa donde reposa el vaso es, pues, según estos tres planos, la piedra del santo sepulcro, la mesa de los doce apóstoles, y por fin el altar donde se celebra el sacrificio cotidiano. Estas tres realidades, la crucifixión, la cena y la eucaristía, son inseparables y la ceremonia del grial es su revelación, al ofrecer en la comunión el conocimiento de la persona de Cristo y la participación en su sacrificio salvífico. (CHEVALIER, 1986, apud BEGG, p. 18).

Lendas e especulações à parte, é possível analisar pela contextualização do surgimento dos Arautos do Evangelho que há a busca incessante pelo modelo de perfeição e beleza. Os elementos de semelhança com os Cavaleiros Templários permitiriam afirmar que se acreditaria defensora de um Santo Graal.

Em ambas as Ordens estão implícitos conceitos de eugenia: para ‘ser de Deus’ é preciso, além de aceitá-lo e viver de acordo com os ensinamentos da Igreja Católica, pertencer a um grupo de pares idênticos, belos e perfeitos.

No documentário “Arquitetura da destruição”<sup>11</sup> (Peter Cohen, Suécia, 1992), há a descrição de toda a ação do ditador alemão Adolph Hitler para eliminar o que não se enquadrava no que entendia por perfeição. A produção detalha em imagens e descrições históricas como o ditador alemão sacrificou vidas que se não se encaixavam no seu padrão de beleza: assassinou doentes mentais, idosos e portadores de deficiência física. Outro documentário do mesmo diretor, “Homo Sapiens 1900” (1998), detalha em fotografias e documentos o que é o conceito de limpeza racial para a construção de uma raça superior. O ideal de perfeição é o que hoje entendemos por ‘eugenia’. O termo foi popularizado no século XIX por Francis Galton, que se consagrou, entre outras teorias, como um dos fundadores da antropologia, segundo estudo de Geraldo Salgado-Neto<sup>12</sup>.

Não é nosso objetivo nos aprofundarmos no tema eugenia, mas as citações demonstram como na contemporaneidade alguns ideais permanecem vivos nos discursos, inclusive no âmbito religioso. A primeira imagem sobre os Arautos do Evangelho é a indumentária e a relação que se estabelece com os Cavaleiros Templários, incluídas a organização e a semelhança dos integrantes. Em uma primeira análise, chega-se a supor que se trata de uma vertente tradicional do catolicismo.

Para os Arautos do Evangelho, a internet é uma das principais formas de relacionamento com seus seguidores.

Já há algum tempo, estudiosos demonstram uma grande preocupação com os caminhos que a obsessão pela velocidade podem tomar. Konrad Lorenz em seu livro “Os oito pecados da civilização” (1973; p. 28) chama a atenção para a aceleração do cotidiano do homem e sua conseqüente cegueira, em decorrência do senso estético e moral afetado pela superpopulação

---

<sup>11</sup> No documentário “Arquitetura da destruição”, de aproximadamente 121 minutos, o sueco Peter Cohen enfoca a trajetória do ditador alemão Adolph Hitler, que culminou no extermínio de milhares de judeus, sob a prerrogativa de purificação da raça humana.

<sup>12</sup> Citação de Geraldo Salgado-Neto, doutor em Agronomia pela Universidade Federal de Santa Maria, em artigo *Sir Francis Galton e os extremos superiores da curva normal*. Publicado na Revista de Ciências Humanas - Florianópolis - Volume 45, Número 1 - p. 223-239 - Abril de 2011.

das cidades, que resvala, inclusive, na sua insensibilidade diante de uma diversidade de situações grotescas, e que os Arautos do Evangelho, vertente da Igreja Católica ignoram, quer por desconhecimento, quer por questões particulares do grupo.

O senso estético e moral estão estritamente ligados. É evidente que os homens, obrigados a viver nas condições das quais falamos, sofre a atrofia de um e de outro. A beleza da natureza e a beleza cultural, criado pelo homem, são necessárias à saúde moral e espiritual do ser humano. Essa cegueira total da alma para com tudo aquilo que é bonito, difundida atualmente em grande velocidade e em toda parte, é uma doença mental que deve ser levada a sério, não fosse pelo fato de acarretar a insensibilidade diante dos fatos moralmente mais repreensíveis. (LORENZ, K. 1973; p. 28).

### **O Portal dos Arautos do Evangelho e a comunicação no ciberespaço**

Criado em 2008 com o objetivo de evangelizar através da internet e tornar conhecido o trabalho dos Arautos do Evangelho, o portal, em meados de 2011, utilizava o endereço [www.arautosdoevangelho.com.br](http://www.arautosdoevangelho.com.br). Em meados de 2012, o site seguiu as novas tendências da tecnologia encurtando o endereço ou URL para [www.arautos.org](http://www.arautos.org). No entanto, para não desestimular o usuário a continuar na página, caso ele digite o endereço antigo será redirecionado para o endereço atualizado.

O canal dispõe de uma diversidade de ferramentas para manter conectados os seus seguidores e está disponível em português, espanhol e italiano. Possui área para cadastro, o que confere aos cadastrados um email diário com o Evangelho do Dia e atualizações de notícias. Registra uma média de 955 mil visitas por mês e 715 mil visitantes únicos, contabilizando cerca de 1.855.000 visualizações de páginas, segundo informações disponibilizadas pelos próprios Arautos para esta pesquisa. Esse número de acessos é considerável para um site de um grupo que se supõe tão segmentado, pressupondo um fenômeno maior do que se imagina<sup>13</sup>.

Todo o site possui links que levam a uma diversidade de desdobramentos de página que pode, facilmente, fazer com que o internauta se perca em suas páginas. Ao posicionar o mouse sobre o meu “Quem somos”, por exemplo, é aberta com os seguintes submenus: “Arautos do Evangelho”, “Virgo Flos Carmeli”, “Regina Virginum” e “ITTA – Instituto Teológico São

---

<sup>13</sup> E-mail enviado pela coordenação do grupo em 07 de junho de 2011 para fins dessa pesquisa confirmam a informação citada. No entanto, a pesquisa encontrou uma grande dificuldade em acessar dados sobre o portal, referentes à acessos, ferramentas entre outros. Também não foram encontradas referências em outros sites da internet que não fossem só o próprio [www.arautosdoevangelho.com.br](http://www.arautosdoevangelho.com.br).

Tomás de Aquino”. Em cada um desses itens, históricos sobre o funcionamento e subdivisão dos Arautos do Evangelho que foram descritas no capítulo I desta pesquisa. Importante citar que a cada click, os links ganham novos endereços.

Tomaremos as contribuições de Malena Contrera (2010; p. 52) sobre a sociedade da emissão e a cultura do excesso. Segundo a pesquisadora, essa apologia ao excesso é típica da era industrial capitalista, onde a cultura do excesso pensa ser êxtase, e “o êxtase parece ser a resposta do homem contemporâneo à vacuidade do sujeito e ao desaparecimento do objeto que o seduziu”, ou seja, o esvaziamento do sentido pela não identificação com o próprio corpo, tendo como resultado a “cultura da aparição e da experimentação ilimitada”.

Sabemos que o êxtase nasce com a cultura, como símbolo do homo religious<sup>14</sup>; não é novo fato de que o êxtase sempre nos pareceu irresistível. Novo, porém, é sua emancipação do contexto do ritual e da busca de transcendência, já que inicialmente o homem buscava os estados alterados da consciência e o êxtase nas práticas religiosas ou em rituais específicos (que ele cria exatamente para conter e significar essas práticas), em práticas que demarcavam claramente o caráter extraordinário do êxtase – com tempo e espaços diferenciados e delimitados – e que o relacionavam com uma função transcendente ou mítica. O êxtase era, enfim, um meio para a ampliação da consciência ou para a comunicação com os deuses (como no caso do xamanismo), e não um fim em si mesmo. (CONTRERA, M. 2010; p. 52)

A estruturação do portal e a constante auto-afirmação no discurso do portal dos Arautos do Evangelho nos leva a refletir o fechamento deste grupo em si mesmo. As expressões, a referência a si mesmo e a tentativa de utilização do ciberespaço para reverberar os valores desta vertente da Igreja Católica, nos leva a crer que o grupo fala ‘para si’. Como em uma seita, o grupo fala apenas aos membros, com espécie de códigos de uma comunidade que não fala para quem não faz parte do grupo, contradizendo a lógica do locus dito democrático próprio do ciberespaço.

A cada click os menus se desdobram e a possibilidade de informação são infinitas. Entre notícias, destaques da TV Arautos, enquete, foto do dia, capa do último boletim distribuído aos membros desta vertente da Igreja Católica, banner convidando o internauta para assistir a missa on-line ao vivo, últimos artigos, últimos posts dos blogs, galerias de imagens, ainda na lateral direita links que se repetem. Em sua arquitetura extremamente confusa, vemos um portal no

---

<sup>14</sup> *Apud* Mircea Eliade sobre o caráter religioso do homem.

qual a cada click os menus se desdobram e as possibilidades de informação são infinitas.

Tendo em vista todos esses conceitos e análises, podemos dizer que há uma identificação do grupo com a estética caótica da internet, e um uso exacerbado de conceitos que pode espantar um internauta que se aventure a navegar por essas páginas. Conforme veremos mais adiante, o canal, nada mais é que uma tentativa para utilizar a cibercultura como forma de auto-legitimação do grupo, independente de quais sejam os esforços e sacrifícios do corpo e do ritual para que isso ocorra.

Vemos ainda no discurso dos Arautos do Evangelho uma quantidade de informações que muitas vezes remetem a eles mesmos e que, no entanto, não oferece interação com aqueles que acessam o portal. São perguntas sem respostas, sugestões sem confirmação de que foram recebidas, comentários sobre os posts que não são mencionados. Tal performance se contrapõe ao conceito que conhecemos por internet 2.0, que deveria oferecer interatividade total aos usuários. Para Sodré, isso também pode ser uma estratégia de poder.

Aquele que agora não se deixa ver é o mesmo que retém o poder, as regras de organização disciplinar daqueles que são vistos. Esta dicotomia entre ver e ser visto é correlata de outra, fundadora da “função” individualmente moderna: a separação radical, por parte do indivíduo, entre “si mesmo” e seu papel social. (SODRÉ, M. 1990; p.23).

## **Redes Sociais**

Aderindo às tentativas de novas formas de relacionamento pela internet, os Arautos do Evangelho também possuem perfis e esforços de interatividade nas chamadas redes sociais, e demonstram um grande desempenho nesse universo em seus diferentes formatos.

Em outubro de 2011, quando fizemos este levantamento, no facebook haviam 7 perfis diferentes (facebook.com/joaocladias, facebook.com/arautosdievangelho, facebook.com/heraldos, facebook.com/virgofloscarmeli, facebook.com/araldidelevangelo, facebook.com/pages/heralds-of-thegospel,facebook.com/pages/ArautosdoEvangelho).

Infelizmente não é possível saber se todas pertenciam ao grupo, mas levavam o nome da vertente da Igreja Católica e continham informações e direcionamentos ao portal. Nesta ocasião, a home mostrava o número dos chamados “curtidores” da página oficial que ultrapassava 7 mil pessoas que se disponibilizaram a seguir as ações dos Arautos. Na data de nova avaliação<sup>43</sup>, os dados nos mostram que 28.769 pessoas curtem a página oficial do grupo e

recebem suas atualizações.

Algumas imagens postadas no facebook confirmam o que já foi citado sobre o apelo hiperbólico da linguagem utilizada pelos Arautos do Evangelho na internet. Nas postagens dos curtidores da página da vertente da Igreja Católica, nenhum ‘curtir’ por parte dos Arautos, o que corresponde a um sinal de que as publicações são lidas, analisadas e que agradam esta vertente da Igreja Católica, possível indício que a grande preocupação do grupo é apenas falar e não estabelecer algum tipo de troca.

### **A tentativa de utilização do cyberspace para sedimentação da comunidade**

Como mencionado anteriormente, o grupo se apresenta com fortes elementos da estética medieval, por isso, é essencial recuperar suas raízes para melhor compreensão dos aspectos relativos à sua performance simbólica no cyberspace.

No campo intelectual as discussões e as formas de utilização dos meios para difusão da mensagem sempre foram um grande desafio para a legitimação da Igreja Católica em si e das demais forças políticas de cada época.

Na Idade Média, período em que surgiu a Ordem dos Cavaleiros Templários, segundo Maria Eugênia Bertarelli, as duas correntes, Igreja Católica e Império Romano Germânico, defendiam, à sua maneira, um discurso que validasse sua autonomia.

Por um lado, a Igreja apresentava-se como a única instituição com autoridade sobre toda a cristandade, por ser capaz de conduzir o conjunto da humanidade até a salvação eterna, e por outro, o Império, que procurou imbuir o príncipe secular de uma função sagrada sem a qual não poderia pretender a universalidade. (BERTARELLI, M. Eugênia. 2013)<sup>15</sup>

A abordagem de Bertarelli é importante porque menciona que o Império caracterizava-se como “romano” não apenas pela sucessão dos Césares, nem por uma vinculação à Roma antiga, mas por ser a instituição política destinada a defender a Igreja romana e expandir a religião cristã entre os homens.

Transpondo as reflexões para a questão aqui estudada - um grupo tradicional da Igreja

---

<sup>15</sup> Artigo “Império e papado: um estudo do conflito entre poder temporal e poder espiritual através do pensamento de Dante Alighieri”, de Maria Eugênia Bertarelli, publicado no site da ANPHU - Associação Nacional dos Professores Universitários de História. O artigo pode ser lido na íntegra no endereço: [www.rj.anpuh.org/resources/rj/.../Maria%20Eugenia%20Bertarelli.doc](http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/.../Maria%20Eugenia%20Bertarelli.doc). Acesso em 25.02.2013.

Católica que tenta criar diálogo por meio de ferramentas de interatividade no cyberspace - há uma questão chave para a discussão, ou seja, como os Arautos do Evangelho utilizam a internet parece que reflete o pensamento cristão que postulam: retorno aos modos de organização das instituições próprias da Idade Média, o que configura uma contradição temporal.

Como um grupo extremamente identificado com a Igreja Católica dos tempos medievais pretende estabelecer trocas na internet, veículo tão contemporâneo? Essas trocas são realmente factíveis? É possível interatividade num modelo de utilização da internet ultrapassado, a chamada versão web 1.0, com estrutura e discurso como o dos Arautos?

### **Lugar possível entre a matriz religiosa cristã e a internet – a noção de religare na mídia contemporânea**

As novas formas de comunicação da Igreja Católica, principalmente a internet, possivelmente não levaram em conta como as experiências religiosas se transformariam a partir da comunicação mediada pelos equipamentos eletrônicos e suas imbricações no campo da experiência do religare. Malena Contrera, em artigo apresentado XIV Compós (2005), explica a relação entre a nova ambiência das sociedades contemporâneas e as crescentes facilidades técnicas. Segundo a pesquisadora, a realidade predispõe a uma “espécie de utilização invertida dos aparatos midiáticos”.

O meio que primeiramente se prestava a ser um conector/ vinculador entre as partes comunicantes, passa a agir algumas vezes como um distanciador simbólico para pessoas submetidas a um ambiente saturado, já que interpõe, entre as partes envolvidas, aparatos eletrônicos e elementos técnicos (CONTRERA, M. 2005; p. 3).<sup>16</sup>

Segundo a pesquisadora, há um “fim do real”, o que leva à procura de uma realidade alternativa, resultando na busca de uma religiosidade que preencha esse vazio. Jorge Miklos (2012; p.9)<sup>17</sup>, com base nos estudos de Malena Contrera, sugere uma dupla contaminação entre a esfera do religioso e a midiática: os formatos religiosos se apropriando do elemento ritual religioso, sugerindo, de acordo com o pesquisador, ‘uma estética própria’, resultando na

---

<sup>16</sup> Artigo “A Dessacralização do mundo e a sacralização da mídia: consumo imaginário televisual, mecanismos projetivos e a busca da experiência”, apresentado na XIV Compós, 2005, Niterói RJ. GT Comunicação e Cultura. Disponível em GT - Comunicação e Cultura [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_687.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_687.pdf).

<sup>17</sup> MIKLOS, Jorge. *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura*. São Paulo, Idéias e Letras, 2012.

ciber-religião.

Assim, as experiências religiosas no cyberspace – a ciber-religião, como fenômeno midiático, nada mais são do que uma busca por um território encantado, mas quem acaba sofrendo este encantamento é a própria mídia (MIKLOS, J. 2012; p. 9).

Especificamente no portal, é possível detectar contaminação entre o religioso (tradicional) e o midiático (moderno), explícito na maneira como o grupo lança mão desses dispositivos. Há a exacerbada emissão de conteúdo e raras oportunidades de interatividade, como sugere o modelo de internet atual. É possível observar comentários não respondidos, solicitações sem notificações de leitura e a mesma informação duplicada de várias formas, nos textos do portal e nas postagens das redes sociais.

No cenário da hiperemissão, a comunicação se perde, e perde a sua complexidade. Malena Contrera<sup>18</sup>, em seus estudos sobre mídia, menciona que a saturação e o consumo obsessivo de imagens são uma reação à perda da dimensão transcendental.

O consumo desesperado e ininterrupto de imagens vazias é uma reação histórica à perda da dimensão transcendental. Se o homem primitivo já buscava na imagem a revelação de uma força transcendente, a manifestação do divino, o fenômeno da iconofagia<sup>19</sup> e suas imagens vazias podem então ser entendidos também como um distúrbio da relação do homem com a experiência do sagrado, do divino – aqui a imagem não alimenta, ela é desprovida de espírito, os espíritos dos duplos fugiram das imagens; e o déficit religioso jamais encontra o que o satisfaça. (CONTRERA, M. 2005; p.10) .

De acordo com a pesquisadora, os valores iluministas que consideravam que a informação salvaria a humanidade geraram uma sombra específica, encontrada na saturação informativa.

A partir desse espírito iluminista a que me referi, nossa sociedade e nossa mídia (como sua legítima representante) têm construído discursos heroicos para lidar com a realidade, discursos solares, apolíneos, em enorme esforço civilizatório de manter reprimida toda uma vida que borbulha em seu avesso. (CONTRERA. M, 24; p.

---

<sup>18</sup> Artigo “A Dessacralização do mundo e a sacralização da mídia: consumo imaginário televisual, mecanismos projetivos e a busca da experiência”, apresentado na XIV Compós, 2005, Niterói RJ. GT Comunicação e Cultura. Disponível em GT - Comunicação e Cultura [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_687.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_687.pdf)

<sup>19</sup> A expressão Iconofagia foi criada por Norval Baitello Junior. Segundo o autor, “Iconofagia significa a devoração das imagens ou pelas imagens: corpos devorando imagens, ou imagens que devoram corpos. Essa ambigüidade é interessante porque, na verdade, os dois processos ocorrem. A Era da Iconofagia significa que vivemos em um tempo em que nos alimentamos de imagens, e as imagens se alimentam de nós, dos nossos corpos”. BAITELLO JUNIOR, Norval, *O animal que parou os relógios*. Annablume, São Paulo, 1997, p.20.

2002)<sup>20</sup>.

Revela-se outra marcante característica dos discursos dos Arautos do Evangelho no portal, que coincide com o espírito iluminista: a insistência em se falar do apocalipse para seduzir um público ávido por informações do fim dos tempos, sugerindo a construção de um novo católico criado com os ideais de beleza e perfeição.

A saturação no portal é traço de uma linguagem que induz à reflexão sobre a necessidade da emergência no cenário midiático, descrita por Malena Contrera, de uma civilização que precisa de heróis. A pesquisadora cita os estudos de Carl Gustav Jung como base para as inferências sobre os fenômenos das massas e a figura do herói como símbolo eterno, descritas por Joseph Campbell no livro “O poder do mito“ (1990; p.137)<sup>56</sup>. Jung explica em “O homem e seus símbolos” (1964; p.142) que o mito do herói é o mais comum e conhecido em todo o mundo.

Tem um flagrante poder de sedução dramática e, apesar de menos aparente, uma importância psicológica profunda. São mitos que variam muito nos seus detalhes, mas quanto mais os examinamos mais percebemos quanto se assemelham estruturalmente. (JUNG. C.G. 1964; p. 142)<sup>21</sup>

A partir do que aqui se propõe, é possível verificar a relevância de uma questão latente analisada no início deste capítulo, presente no portal: a insistência na figura do fundador João Clá Dias nas páginas do grupo na internet.

Numa sociedade sem heróis pessoais, surgem então instâncias, instituições, que se apresentam sob um evidente discurso heroico<sup>22</sup>, na tentativa de evocar as identificações e o poder simbólico-mítico do herói (poder esse que será, depois, muito convenientemente usado); entre elas, atualmente no Brasil, vemos destacarem-se duas: as novas religiões evangélicas e a mídia. (CONTRERA, M. 2010; p. 26)

Uma das justificativas para se dedicarem a estabelecer performance na internet é a

---

<sup>20</sup> Sobre a saturação da informação, a violência e a crise cultural da mídia, Malena Segura Contrera redigiu o livro *Mídia e Pânico*. São Paulo: Annablume, 2002. 126 p.

<sup>21</sup> Carl Gustav Jung fundou a psicologia analítica ou psicologia junguiana. De origem suíça deu grandes contribuições para as pesquisas do imaginário religioso e imaginário mítico. As contribuições de Jung para as pesquisas de Malena Contrera citada acima estão no livro *O homem e seus símbolos* 1964; p.142

<sup>22</sup> No livro *O poder do mito* (1990; p.137), Joseph Campbell fala sobre a saga do herói e a motivação para tantos heróis na mitologia. Campbell explica “A façanha convencional do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade“. CAMPBELL, J. 1990; p.137.

tentativa de difundir sua mensagem, atendendo ao chamamento da Igreja Católica. Mas os antagonismos do discurso e o excesso de informações abrem lacunas para esta pesquisa questionar os objetivos dos Arautos.

No cyberspace, espaço-tempo imaterial, em que o corpo é abolido da experiência religiosa, analisa-se onde se encaixa o discurso tecnófago dos Arautos do Evangelho e de que forma uma comunidade não porosa faz um elogio ao valor simbólico do meio. Nesse universo, o padrão de um católico ideal, imaterial, ou seja, puro espírito (não corpóreo), encontra abrigo perfeito.

Outorga-se à internet uma espécie de poder divino, que Malena Contrera (2012; P. 55) denomina crise das competências simbólicas. A pesquisadora ressalta que essa “natureza autorreferente da tecnologia retroagindo sobre a linguagem e criando aí um mundo de alta produtividade, porém fechado para o espanto, para o não operacionalizável, para o não comunicável, para o encantamento sem palavras frente à grandiosidade do desconhecido e do silêncio” (2012; p. 74).

Outro ponto da relação religião/internet centra-se no uso das categorias temporais. Conforme explica Mircea Eliade (1962; p. 63), “o Tempo para o homem religioso não é nem homogêneo e nem contínuo”. No ambiente internet não há limitação de tempo e hora. O conteúdo está disponível e se adapta a quem o acessa. Embora não tenha sido verificada interatividade da atualização do portal e das redes sociais, conforme análises no início deste capítulo, as atualizações são feitas diariamente.

A abolição de tempo ritual na execução contínua dos programas da internet leva a retomar a área “Reze por mim” no portal. Em qualquer horário de acesso, visualiza-se a mensagem que, a partir daquele momento, um membro está rezando por ele, em um imediatismo desritualizador, como uma “usurpação dos atributos divinos pela tecnologia mediática”, no caso, a onipresença simulada pela rapidez do meio. Esse conceito é denominado por Jorge Miklos (57; 2012) de midiofagia. O pesquisador define que há ação de devoração e metabolização por parte dos meios de comunicação eletrônicos interativos dos conteúdos arcaicos presentes no imaginário de uma cultura, e após esse processo uma devolução dos seus interesses.

(...) Denominamos de midiofagia a ação dos meios eletrônicos interativos (mais

precisamente, os computadores e outras tecnologias capazes de rede) e seus formatos de apropriar-se (devorar) de conteúdos arcaicos da cultura, em particular os atributos divinos, e identificar-se com eles. (MIKLOS, J. 2012; p. 61)

Miklos destaca a busca de sentido e significado por parte do ser humano e as formas como se engaja na religião.

Em termos de etimologia, religião é o que liga especificamente o homem a Deus e os homens entre si. (...) Ela engaja o homem de diferentes maneiras: primeiramente explicando a natureza e o significado do universo, ou justificando os caminhos de Deus para o homem; em segundo lugar, elucidando a função e o propósito do homem no universo, ou ensinando-lhe como libertar-se de suas limitações e terrores; em terceiro lugar, servindo como ligação entre os homens. (2012; p. 61)

A afirmação provoca a seguinte reflexão: qual o custo de muitas vezes haver a tentativa de se seduzir o fiel e engajá-lo nas atividades próprias de cada vertente da Igreja Católica?

### **Ambiente Imaginário dos Arautos do Evangelho e relação com ideais estéticos classicistas no portal**

O conceito que mais se aproxima daquele que remete à análise do ambiente midiático em questão, o cyberspace, propõe vivências do homem concreto em um não lugar. Essa reflexão fica ainda mais complexa quando se transfere esse panorama para o campo da religiosidade. Por isso, nos utilizaremos dos estudos sobre o imaginário midiático proposto por Edgar Morin, denominado “noosfera”.

As representações, os símbolos, mitos, ideias, são englobados simultaneamente pelas noções de cultura e Noosfera. Sob o ponto de vista da cultura, constituem sua memória os seus saberes, os seus programas, as suas crenças, os seus valores, as suas normas. Sob o ponto de vista da Noosfera, são entidades feitas de substância espiritual e dotadas de uma certa existência. Saída das próprias interrogações que tecem a cultura de uma sociedade, a Noosfera emerge como realidade objetiva, dispondo de relativa autonomia e povoada de entidades a que vamos chamar de ‘seres do espírito’ (MORIN; E. 1992; p. 101).

Morin ressalta que se vive em um universo de “signos, símbolos, mensagens, figurações, imagens, ideias”, e que há ação e reação diante das diversas situações com base nesse universo que, por outro lado, mediam as “relações dos homens entre si, com a sociedade,

com o mundo” (1992; p. 102). No entanto, o estudioso pondera que o crescimento e o desenvolvimento dessa atmosfera garantem a expansão da comunicação com o universo, e que a proliferação noosférica dos mitos e das abstrações acentua a separação entre o mundo humano e a natureza.

Sobre a autodeterminação, os Arautos do Evangelho se mostram como os próprios Cavaleiros Templários. As semelhanças históricas e conceituais analisadas nesta pesquisa indicam uma vertente tradicionalista que busca recuperar para a Igreja Católica o que ela perdeu historicamente. Entre os itens a serem assinalados está o número de seguidores, cujas razões estão em sua história, sua atuação, na incompreensão da evolução da humanidade ou no poder de persuasão. Por isso, o grupo demonstra todo o tempo a determinação em reconstruir essa história, baseada em cristãos produzidos em série, que aceitem sua doutrina, identifiquem-se com sua ideologia e disseminem esse conceito.

Embora seja um grupo antagônico, com fortes características medievais, que se aventura a mergulhar na modernidade dos meios tecnológicos - o meio de comunicação ao qual este estudo se atém, o cyberspace permite espaço a todos aqueles que desejam ‘seu lugar ao bit’.

Desperta curiosidade como esse espaço virtual vem ao encontro das exigências de um grupo que deseja a renovação, a limpeza e a ordenação. Essa questão revela a tentativa de estar nesse ambiente virtual e criar vínculos no espaço a partir de uma ‘casca’, em uma exploração sem fim de imagens, e se existe realmente alguma compreensão sobre esse ambiente.

Ao se apropriar de estratégias específicas e de elementos muito fortes da estética classicista e da estética medieval, buscam criar/reforçar sua imagem pública por meio do portal, o que se verá a seguir.

### **Elementos estéticos classicistas relevantes para a criação da imagem pública dos Arautos do Evangelho no portal**

No portal observa-se a tentativa de o grupo relacionar virtude e beleza, em evidente preocupação com a imagem e questões estéticas. Fundamentado em elementos da estética classicista, o grupo parece tentar criar essa identidade com o público, e mostra que a melhor forma de se alcançar a virtude é pela beleza. Há coerência com sua definição: “Seu carisma os

leva a procurar agir com perfeição em busca da pulcritude em todos os atos da vida diária”.

Existe ainda relação entre cultura e evangelização (cuja afirmação é insistente pelos Arautos em seu portal insiste, quando cita que o grupo busca evangelizar “através da beleza e da arte“.

Para uma relação mais cuidadosa do portal com a ‘estética classicista’, deve-se recorrer aos estudos de E. H. Gombrich, em “A história da arte” (1950). O autor analisa as principais características da arte, e denomina o período da arte clássica como “O Império do Belo”, ocorrido entre os séculos IV a.C e I d.C.

A busca da reprodução do corpo ou concepção arquitetônica perfeitas foi marca desse período. De acordo com Gombrich, construções como o Partenon e o templo de Erecteion, localizados em Atenas, destacaram-se pelos detalhes ricamente decorados, imprimindo “graça e leveza”, que marcaram a escultura e a pintura do período.

Gombrich menciona que, com o tempo e o aperfeiçoamento da técnica, durante o século IV as estátuas ficaram famosas em toda a Grécia, e os gregos passaram a discutir arte. Ele enfatiza que “os gregos educados discutiam agora pinturas e estátuas como discutiam poemas e teatro; elogiavam sua beleza ou criticavam sua forma e concepção”. (1950, p. 100)

Fruto dessa evolução, a busca dos artistas em reproduzir o corpo com perfeição chegava ao seu auge pelo conhecimento adquirido.

Não existe corpo humano que seja tão simétrico, tão bem construído e belo quanto o das estátuas gregas. As pessoas pensam frequentemente que o método empregado pelos artistas consistia em observar muitos corpos e deixarem de fora qualquer característica que não lhes agradasse; que começavam copiando meticulosamente a aparência de um homem real e depois o embelezavam, omitindo qualquer irregularidade ou traço que não se harmonizassem com a ideia de um corpo perfeito. Muitos dizem que os gregos ‘idealizaram’ a natureza e que a conceberam em termos de um fotógrafo que retoca um retrato eliminando pequenos defeitos. Ocorre, no entanto, que uma fotografia retocada e uma estátua idealizada carecem usualmente de caráter e vigor. Tanta coisa fica de fora e tanta é eliminada que pouco restará além de um pálido e insípido espectro do modelo. (GOMBRICH, E. H. 1950; P. 103 e 104).

A análise de Gombrich reveste-se de importância tendo em vista sua afirmação sobre a irreabilidade de tamanha tentativa de perfeição, faz refletir que tal idealismo é utópico e mostra a perseguição para alcançar objetivo quase assustador. O autor lembra que na tentativa de criar

uma imagem com equilíbrio irreal, a “alma”, em seu contexto mais amplo, fica excluída daquilo que deveria ser o seu fim primeiro, considerada “impura” demais para ser aceita.

Ao transpor seu pensamento para este objeto de estudo, outra característica embasa a hipótese das discussões anteriores: a impressionante tentativa de disciplinamento do corpo e criação de um modelo padronizado e perfeito. Assim como Praxíteles<sup>23</sup> e outros famosos artistas da estética clássica, os Arautos do Evangelho pretendem reproduzir um católico idealizado, belo, inteligente e simétrico, inclusive fisicamente.

Os estudos de Gombrich, além da defesa do belo, perpassam a noção de perfeição e mostram que a tentativa dos gregos de criar uma imagem perfeita era mais profunda. Segundo ele, as representações não eram muito fiéis, excluindo-se, por exemplo, rugas da testa ou da expressão.

O artista nunca reproduzia o formato do nariz, as rugas da testa ou a expressão específica do retratado. É um fato estranho, que ainda não examinamos o bastante, terem os artistas gregos, nas obras que vimos, evitado dar às cabeças uma expressão particular. (GOMBRICH, E. H. 1950; p. 106)

Os Arautos do Evangelho, onde quer que estejam, despertam curiosidade e perplexidade pela uniformidade até mesmo no comportamento, formas de se expressar, andar e falar. No portal, há imagens de diferentes momentos em que não é possível identificar diferenças entre dois membros. Sobre o conceito de beleza, que se destaca nas formas de doutrinação ou evangelização dos Arautos do Evangelho, para Umberto Eco (1987) a Idade Média, a despeito da Antiguidade Clássica, conferiu novo significado a alguns temas, “preocupando-se em incorporá-los a marcos filosóficos, propondo uma nova consciência sistemática”, entre eles a estética. Ao se pensar em beleza, a Antiguidade Clássica referia-se à natureza e à sua realidade; boa parte da tradição medieval remetia-se à tradição cultural, contaminada por conceitos do cristianismo, ou seja, não havia dissociação entre belo e verdadeiro; logo, bom.

Si lo bello era um valor, debía coincidir con lo bueno, lo verdadeiro y con todos los demás atributos de la divinidad. La Edad Media no podia, no sabia pensar em uma

---

<sup>23</sup> Praxíteles, citado por E. Gombrich, foi um famoso escultor da Grécia Antiga, que possui várias obras, conhecidas por meio de cópias romanas de sua autoria, mencionadas na antiguidade. É considerado um dos responsáveis pela evolução do Alto Classicismo para o Helenismo.

belleza 'maldita', o como hará el siglo XVIII en la belleza e Satanás. No llegará a ello ni siquiera Dante, aun entediendo la belleza de una pasión que conduce al pecado. (ECO, Umberto. 1987; p. 24).

Ainda sobre beleza e perfeição, Umberto Eco menciona outras definições de beleza da Idade Média. Segundo o autor, havia uma concepção quantitativa que definiria o conceito de beleza que aparecia no pensamento grego, a chamada “teoria de proporções”. O autor descreve que:

La belleza no consiste en los elementos, sino en la proporción de un dedo con relación a otro dedo, de todos los dedos a respecto al resto de la mano... y de todas las partes en fin, respecto a todas las otras, como se halla escrito en El Canon de Policleto. (Placitta Hippocratis et Platonis V, 3). (ECO, Umberto 1987; p. 42 e 43).

Essas definições revelam uma vertente da Igreja Católica extremamente apegada aos ideais de beleza e perfeição estabelecidos pela Idade Média. Embora nascido no Brasil, mais precisamente em São Paulo (ver capítulo I), o grupo pretende, a cada clique no portal e nas redes sociais, tentar convencer que os belos são mais merecedores do “reino dos céus”.

Deduz-se que a figuração dos Arautos do Evangelho no cyberspace chega a ser irônica. Um grupo com performance e pensamento de séculos passados tenta utilizar ferramentas da modernidade para reverberar seu pensamento e criar sua imagem pública. Fora do contexto histórico da Era Clássica, essa visão é extemporânea, revelando um grupo que atribui valor à beleza, imprimindo a ela o conceito de simetria. Logo, à visão de que o belo tem de ser igualmente simétrico e padronizado. Há a supervalorização da imagem, pois por meio dela é mais fácil incentivar a padronização. Esse aspecto enquadra-se nas hipóteses levantadas no início desta pesquisa, de que há tentativa de doutrinação pelos Arautos do Evangelho, especialmente na linguagem na internet - portal ou redes sociais. Uma doutrinação que visa à padronização estética e religiosa do que entendemos por católico. O católico ideal seguida e insistentemente mencionado pelos Arautos do Evangelho.

Na ciber-religião, o elemento primordial da experiência religiosa, o corpo, já não está presente. Nesse espaço onipotente, em que tudo é possível, em que qualquer comportamento encontra abrigo, não há estranhamento sobre limites/impossibilidades de um corpo mortal, que pode não ser eternamente belo ou idêntico a outro. Corpos reais não são produzidos em série sem que isso implique um tipo de processo altamente repressivo das particularidades humanas.

Concluimos que nessa dinâmica a construção da identidade dos Arautos do Evangelho no cyberspace abre lacuna para a definição das reais intenções do grupo ao se expor, e induz a questionar se acreditam que o católico ideal é imaterial, distante de todos as imperfeições e ignorâncias, que pode 'ser criado' e 'viver' uma experiência em um não lugar.

## Referências

Arautos do Evangelho. Os três pilares. Disponível em: <<http://www.arautos.org/view/show/13713-arautos>>. Acesso em 20/05/2011.

BAITELLO JR., N. **A era da iconofagia**. São Paulo: Hacker, 2005.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'água, 1991.

BAUMAN, Z. **Comunidade** – a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BERTARELLI, M. Eugênia. Império e papado: um estudo do conflito entre poder temporal e poder espiritual através do pensamento de Dante Alighieri. ANPHU - Associação Nacional dos Professores Universitários de História. Disponível em: <[www.rj.anpuh.org/resources/rj/.../Maria%20Eugenia%20Bertarelli.doc](http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/.../Maria%20Eugenia%20Bertarelli.doc)>. Acesso em 25/02/2013.

BIAS, M. **Como andam os princípios do Vaticano II?** 14 de fevereiro de 2013. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/conteudo-complementar/forum>>. Acesso em: 07/05/2013.

CAMPBELL, J.; MOYERS, B. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

CONTRERA, M. S. **O mito na mídia**. São Paulo: Annablume, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mídia e pânico**. São Paulo: Annablume, 2002.

\_\_\_\_\_. **O mito na mídia**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2000.

\_\_\_\_\_. **A dessacralização do mundo e a sacralização da mídia**: consumo imaginário televisual, mecanismos projetivos e a busca da experiência comum. Apresentado na XIV Compós, 2005, Niterói RJ. GT Comunicação e Cultura. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_687.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_687.pdf)>. Acesso em: 04/11/2013.

\_\_\_\_\_. **Mediosfera**: meios, imaginário e desencantamento do mundo. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2010.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. Lisboa: Livros do Brasil, [20-].

\_\_\_\_\_. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

EVANGELHO, Arautos do. **Arautos do evangelho**: surge um novo carisma na igreja. Edição comemorativa de reconhecimento pontifício dos Arautos do Evangelho. São Paulo, 2001.

FLUSSER, V. **Da religiosidade** – a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras, 2002.

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte**. Lisboa: Editora Público, 2005.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**.

LIMA, João Gabriel de. A TFP do B. **Veja**, 28 de abril de 2004. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/280404/p\\_094.html](http://veja.abril.com.br/280404/p_094.html)>. Acesso em: 24/06/2011.

LORENZ, K. **Os oito pecados mortais da civilização**. Lisboa: Litoral, 1973.

MIKLOS, Jorge. **Ciber-religião**: a construção de vínculos religiosos na cibercultura. São Paulo, Idéias e Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. Construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciber-religião. Dissertação de Doutorado em Comunicação e Semiótica pelo programa de Estudos Pós Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PEPGCOS- PUC/SP), 2010.

MORETTI JUNIOR, A. J. , ESTEVÃO DOS REIS, J. **A estruturação do poder na Ordem Militar dos Cavaleiros Templários**. Apresentado no Congresso Internacional de História, setembro de 2011. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/68.pdf>>. Acesso em 20/12/2012.

MORIN, E. **O Paradigma perdido**. Lisboa: Europa-América, 1985.

\_\_\_\_\_. **O método**. Lisboa: Europa-América, 1985.

**Revista Sociedades Secretas**. Edição de número 1. Editora Escala, 2001.

SALGADO-NETO, G. Sir Francis Galton e os extremos superiores da curva normal. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 45, n. 1, p. 223-239, abr. 2011.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho** - uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2006.

UMBERTO, Eco. **Arte y belleza em la estética medieval**. Barcelona: Editorial Lumen, 1997.

\_\_\_\_\_. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1983.

ZANOTTO, Gizele. Tradição, Família e Propriedade: cristianismo, sociedade e salvação. XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade - Mundos Religiosos: Identidades e Convergências, 2006, São Bernardo do Campo/SP. **Anais do XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade - Mundos Religiosos: Identidades e Convergências**. São Bernardo do Campo/SP: UMESP/ALER, 2006, v. 1.

